

JÚNIOR, Benjamin Abdala
(org.). **Ecoss do Brasil: Eça de Queirós, leituras brasileiras e portuguesas.** São Paulo: Senac, 2000.

Não é de hoje que Eça de Queirós é sucesso no Brasil, consumido e assimilado tanto por uma cultura popular, através de letras de músicas, seriados televisivos e edições mais baratas e de fácil acesso, quanto acadêmica, através de estudos universitários, exposições e edições especializadas. Veja-se, para o primeiro caso, a adaptação para televisão do romance *Os Maias*, por Maria Adelaide Amaral; e, para o segundo caso, a recente edição da tradução que Eça de Queirós fez do romance de Rider Hoggard (*As Minas de Salomão*. Trad. de Eça de Queirós. São Paulo: Hedra, 2000).

Tais fatos revelam a excepcional recepção que o autor português mereceu e tem merecido no Brasil desde os primeiros instantes de seu aparecimento em Portugal, recepção que talvez só possa ser comparada, em épocas mais recentes, à de Fernando Pessoa (ver, sobre a recepção de Eça no Brasil, o excelente estudo de Arnaldo Faro (*Eça e o Brasil*. São Paulo: Nacional, 1977), e o livro pioneiro de António Simões dos Reis (*Eça de Queirós no Brasil*. Rio de Janeiro: Zelio Valverde, 1945).

É positivo, nesse sentido, o lançamento de mais um estudo sobre a recepção do romancista português no Brasil, coletânea de textos de vários autores, organizada por Benjamin Abdala Júnior, acima citada.

Em “Eça de Queirós, passado e presente”, António Cândido lembra episódios circunstanciais a respeito da “voga queirosiana” no Brasil, como o de um jornalista de Poços de Caldas que denominava sua crônica semanal *Prosa bárbara*, em referência aos célebres escritos do romancista português. Lembra, também, Paulo Emílio Sales Gomes que,

no tempo de ginásio, assumia o nome de João da Eça, chegando mesmo a ter uma coleção de bustos de Eça. Lembra, ainda, o fazendeiro Pio Lourenço Correia, que possuía versões dos escritos de Eça, escritas pelo próprio fazendeiro, “de maneira a preservar o pundonor do público feminino”. O autor lembra também que, ao contrário do que sugeria Gilberto Freyre, Eça de Queirós era uma autora cuja obra atingia até aqueles leitores dotados de pouca instrução. Outra característica sua era o dom da caricatura, graças ao qual “o múltiplo se torna uno, o contraditório se torna unívoco e tudo parece óbvio, a ponto do personagem se reduzir ao tipo”.

Em “Leitores brasileiros de Eça de Queirós: algumas reflexões”, Carlos Reis aborda algumas obras escritas por brasileiros, que tratam da produção de Eça, sobretudo de suas relações com o Brasil. Começa por Machado de Assis, que inaugura a crítica brasileira à obra de Eça. Trata-se, evidentemente, de um assunto já relativamente bem examinado pela crítica, como comprovam os seguintes estudos: Alberto Machado da Rosa, *Eça, Discípulo de Machado? Um Estudo sobre Eça de Queirós*. Lisboa: Presença, 1979; Lúcia-Miguel Pereira, *Machado de Assis e Eça de Queirós. Revista de Portugal*, Coimbra, n. 8, jul. 1939, p. 474-478, e João Gaspar Simões, *Machado de Assis e Eça de Queirós ou o humor e a ironia. Revista do Brasil*, 3a. Fase, Ano IV, n. 37 jul. 1941, p. 1-3. Destaca, ainda, alguns fatos circunstanciais, como o de as primeiras peças teatrais de textos queirosianos terem sido encenadas no Brasil. Recorda o fato de um jornal paulista (*A República das Letras*) publicar parte da primeira ver-

são de *O crime do padre Amaro*, que aparecera na *Revista Ocidental*, em 1875. Menciona alguns artistas plásticos que se ocuparam, no Brasil, do romancista português, criando bustos e gravuras, como Rodolfo Pinto do Couto e Vladimir Alves de Sousa, assim como o de se criarem por aqui associações de admiradores de Eça, como o *Clube do Eça*, criado em 1955, no Rio de Janeiro. Há também, lembra o autor, a situação inversa, isto é, a presença do Brasil na obra de Eça, como se pode constatar em *As Farpas*, nas *Cartas de Inglaterra*, nos escritos da *Revista de Portugal* e da *Revista Moderna*, etc. Arrolando uma extensa lista de nomes que, no Brasil, se dedicaram ao estudo e à apreciação da obra de Eça, o autor distingue duas grandes formas de abordagem da produção eciana: os que estudam Eça como escritor marcante da literatura portuguesa e da cultura europeia (Viana Moog, Djacir Meneses, Álvaro Lins e outros) e os que se preocuparam com as relações do escritor português com o Brasil (Paulo Cavalcanti, Heitor Lira, Arnaldo Faro e outros).

Em “Eça jornalista no Brasil”, Elza Miné lembra que a colaboração de Eça na imprensa periódica acompanha praticamente toda sua vida, propondo-se analisar sua atuação como jornalista em Évora (*O Distrito de Évora*, 1866-1867), Porto (*A Atualidade*, 1877-1878) e, principalmente, no Rio de Janeiro (*Gazeta de Notícias*, a partir de 1880-1897). É nessa última que, por exemplo, Eça torna-se responsável pelo lançamento do primeiro *Suplemento Literário* no Brasil (o *Suplemento Literário da Gazeta de Notícias*, 1892). Recentes também, nessa voga de publicações sobre o escritor

português, são os estudos acerca de sua atuação como jornalista, por Elza Miné, **Páginas Flutuantes. Eça de Queirós e o jornalismo no século XIX**. São Paulo: Ateliê, 2000 e João Medina **Eça de Queirós Antibrasileiro?** São Paulo: Edusc, 2000.

Em “Pontes Queirosianas: Angola, Brasil, Portugal”, Isabel Pires de Lima lembra que Eça de Queirós sempre foi um autor muito lido no Brasil, país de onde saíram grandes estudos sobre sua vida e obra, a ponto de se poder falar numa verdadeira *ecite* brasileira. Também é possível, segundo a autora, ver atualmente muitos nomes de autores da língua portuguesa que têm revisitado a produção queirosiana, num autêntico processo de “reficcionalização intertextual”. Nesse sentido, poderiam ser citados os nomes do brasileiro Gilberto Freire (**O outro amor do Dr. Paulo**, 1977), do angolano José Eduardo Agualusa (**Nação crioula**, 1997) ou dos portugueses Mário Cláudio (**As batalhas do Caia**, 1995), José António Marcos (**O enigma das cartas inéditas de Eça de Queirós**, 1996), Norberto Ávila (**No mais profundo das águas**, 1998), Fernando Venâncio (**Os esquemas de Fradique**, 1999), e outros. A autora faz ainda uma análise mais minuciosa de alguns desses autores, à luz da intertextualidade com a obra de Eça.

Em “Eça de Queirós, o realismo e a circulação literária entre Portugal e Brasil”, Benjamim Abdala Júnior realiza aproximações e distanciamentos entre Eça e Graciliano Ramos, com incursões na obra de Carlos de Oliveira. (Estudo inaugural dessa relação parece ter sido o de Nelson Werneck Sodré, **Influência do Eça. Vamos Ler**, Rio de Janeiro, Ano IV, n. 167, v. 3, out. 1939). Sugere, por exemplo, que, apesar de o tratamento do tempo nas obras de Graciliano e Eça serem distintos, há convergência na atitude geral dos escritores, como o “diagnóstico da vida social, tendo em vista uma inserção libertária de um cidadão politicamente consciente”. Além disso, o autor lembra que a produção queirosiana teve grande repercussão junto aos intelectuais republicanos brasileiros, já que “Eça, republicano, encontrava no Brasil formas de poder simbólico identificadas com o republicanismo que se respaldavam em esferas do poder político, fato que não ocorria em Portugal e sua monarquia decadente”.

Há, por fim, proveitosa iconografia e antologia que trazem, a primeira, imagens dos principais marcos bibliográficos do romancista português e, a segunda, seus mais relevantes textos a respeito do Brasil.

Maurício Silva